

Apresentação

Marlene Tamanini¹

Apresentar os textos da edição especial que celebra os 30 anos do livro *Problemas de Gênero* de Judith Butler é um desafio enorme e, provavelmente, não o farei com todos os quesitos que a ocasião exige. Tentarei me aproximar dos textos que as autoras apresentam nesta edição especial com o cuidado que eles merecem, mas sabendo que o mundo que liga precariedade, performatividade e assembleia em forma de alianças *queer* é complexo, carregado de precariedades, e exigente em termos de solidariedade e de epistemes. Assim, devo dizer que quando decidimos celebrar na forma de três eventos os 30 anos do livro *Problemas de Gênero*, queríamos marcar a força de um pensamento que gerou grandes rupturas teóricas e grandes desafios práticos. Para tanto, em conjunto, o Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e a Revista Sociologias Plurais realizaram o **Círculo de Palestras “30 anos de Problemas de Gênero: reverberações da teoria de Judith Butler”**. Os debates foram uma oportunidade de juntar redes de pensamento em pesquisa e de amizade, e marcaram reflexões sobre a importância da obra da autora norte-americana para a articulação epistemológica e política das pensadoras feministas, dos estudos de gênero e da teoria *queer*. Os textos desta edição nos trazem aspectos da reflexão que as convidadas nos trouxeram, debate que se ampliou na ocasião dos eventos pela presença de muitas pessoas e pelo trabalho gentil, delicado e atento das debatedoras.

Nesta edição especial, o texto de Larissa Pelúcio é leve e poético, ao mesmo tempo em que toca sutilmente em problemas tensos, como o são os lugares, os discursos e a *performance*. Este último termo sempre exigiu muitas investidas teóricas para se compreender seu propósito no pensamento de Butler. Muitas vezes, o entendimento de *performance*, assim como a obra de Butler, está mal posto, na forma como as ideias dela são reproduzidas e nos conflitos gerados por este pensamento. Ultimamente, seu

¹ Professora no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da mesma universidade. Contato: tamaniniufpr@gmail.com.

pensamento é absurdamente mal utilizado no campo da política, conforme escreve Karla Bessa, em seu texto, também integrante desta edição especial. No contexto acadêmico, o pensamento de Butler frequentemente se tensiona com os que não percebem a sua crítica à construção social dos corpos e dos sexos e que a tomam precipitadamente como construtivista. Também é muito diferente o seu lugar teórico em relação ao estruturalismo. Seus escritos são diversos e os que antecediam a 1990 já davam conta do seu trabalho, tanto com a linguagem e com os argumentos como referentes às necessárias políticas de reconhecimento pós-identitárias, construção esta que ela fazia apropriando-se de análises de dados etnográficos, com o intuito de desmontar a forma como a matriz heterossexual se apresentava em sua diáde heterossexual e homossexual. Ao historicizar as categorias binárias de gênero e sexo (sobretudo sexo), Butler redefine o modelo epistêmico da produção de conhecimento. Nos seus primeiros escritos, já se incluía o desejo, a censura, o poder, a sexualidade, a performatividade de gênero, a agência pessoal na reprodução do gênero, o antiessencialismo e a questão da materialidade do corpo, na distinção entre sexo e gênero. Mais tarde, estas questões se tornaram temas centrais no livro *El género en disputa* e no texto *Cuerpos que importan*. Suas ideias abriram o mundo acadêmico para outras e diversas configurações de corpos, desejo, sexualidade; e, seguramente, estas ideias também salvaram a vida de milhares de pessoas, pois a luta *queer* não é apenas uma política cultural e simbólica. É também, conforme lembram Pelúcio e Bessa, em seus artigos, a necessária preocupação com a diversidade de experiências humanas com seu sexo, sexualidade, desejo e corpo, e com as questões materiais que compõem a possibilidade do existir *queer* como humanos. Em seus textos mais recentes, o corpo que é pensado em alianças e na política das ruas, interpela as noções de assembleia como direito a aparecer e a buscar por alianças em torno de direitos, porque o *queer* não fala de identidades, mas de alianças. Estes são aspectos que Butler traz com muita fascinação em seu livro: *Corpos em aliança e a política das ruas – notas para uma teoria performativa de assembleia*.

Dada a potência política dos seus conceitos e da diversidade de pessoas incluídas no seu modo de construir sua teoria, ela confundiu criticamente as categorias sexo e gênero, retirando-as cada qual do seu casulo. Permitiu desconstruir a noção de gênero como se fosse natural e, para tal, assumiu a teoria da performatividade de gênero como potência política *queer*; aspecto tratado nesta edição especial também por Bessa, além

de Pelúcio. Talvez a ideia mais forte para este contexto de rupturas das perspectivas identitárias e da própria diferença, aspectos, que compuseram importantes e diversas lutas feministas dos anos 70 e 80, seja a de que sexo sempre foi gênero; e se sexo é uma categoria gendrificada, não tem sentido construir sexo como natureza fora da cultura e gênero como interpretação cultural. Este é o lugar reflexivo butleriano, que se contrapõe frontalmente com as abordagens estruturalistas, as que já haviam se construído como marcas profundas nos estudos feministas e de gênero. Butler, em um mesmo processo de refazer a teoria, evidencia as organizações sociais de gênero não binárias, mediante a des/teorização da noção de matriz heterossexual, e recoloca sexo e gênero fora das ontologizações e das patologizações. É assim, pensando categorias tão complexas em Butler, que os textos de Pelúcio, de Stephan e de Bessa guardam o seu lugar interseccional, para recuperar a humanidade dos que foram feitos inumanos. No caso específico de Pelúcio, vem na forma de um convite ao “Desfazendo o Gênero”, cenário do evento de mesmo nome, a partir do qual a autora do artigo “Dançando com Judith Butler – trinta anos de *Problemas de Gênero*” intersecciona-se com a sua “rede de inteligibilidade cultural”, palavras de Butler, dentro da qual se naturalizam ou se desnaturalizam corpos, gêneros e desejos. *Problemas de Gênero* ganha destaque no texto de Pelúcio, com sua força conceitual capaz de modificar vidas, de lhes dar sentido, dentre outros pontos. O lugar de Butler, no campo da política de reconhecimento e dos grupos de pesquisa, aparece igualmente com força no texto de Bessa. Já Cassiana L. Stephan guarda um lugar denso, em “Algumas reflexões sobre Butler e a(s) melancolia(s)”, nos brindando com outro olhar a respeito do pensamento de Butler. Este é um olhar que envolve intimidade, não como uma dimensão do interior, já que Butler propõe que as imagens corporais se absorvem desde a superfície. Stephan nos mostra como ser o outro, estar no outro a partir de grandes absolutos que definem quem é o sujeito; não é livre de processos históricos normativos, os quais são com frequência, atribuídos ao poder de Deus, da razão e ou do falo, e que, por sua vez, assim hierarquizados, geram culpa, se não atendidos. Portanto, mostra como se impõe o desafio, na obra de Butler, de se pensar as existências fora das diádes, para assim romper com a oposição entre conhecimento racional e a experiência e trazer o potencial do invisibilizado; seguramente, este artigo nos faz pensar fora da busca por absolutos. Stephan nos mostra como Butler se articula criticamente à psicanálise e como, neste

mover-se, vai além de Foucault. Demarca como Butler assim o faz, na medida em que redimensiona a “problemática ético-política do cuidado de si e da estética da existência”, em busca de visibilizar as desidentificações. Com sua competente artesania conceitual, Butler nos faz caminhar no modo como a vida psíquica é desafiada pelo caminho da lei que toma a diferença sexual como pressuposto da própria inteligibilidade, o que nos leva, por vezes, para a armadilha de prender-nos no desejo do outro, que em geral, é o campo do mundo masculino ou da norma heterossexual; ou como construção da “diferença entre a melancolia oblativa ou estruturada e a melancolia criativa ou desviante”, com a finalidade de pensar os processos de identificação e desidentificação relativos à heterossexualidade. Stephan nos traz a riqueza da discussão a respeito da melancolia como regulação psíquica do poder que constitui a identidade de gênero e que também determina a relação da subjetividade com as normas. E nos traz a melancolia desviante como possibilidade para o existir fora da patologização. Em seu texto, dá centralidade à necessidade de olhar melhor para a discussão relativa à melancolia como conceito chave para Butler, porque ele permite, em suas palavras, “compreender os jogos entre o governo de si e o governo dos outros, tanto no que tange à esfera social do poder, quanto no que se refere à sua vida psíquica.”. Bessa, quando escreve “Meio Diva, meio Geni: Butler, entre nós”, constrói diferentes cenas das relações com Butler e de como sua teoria, que busca fins democráticos, foi e é, muitas vezes, motivo de apedrejamentos e do exercício de sua expulsão, como o foi, em sua vinda para o Brasil em 2015. Por meio desta relação com a figura metafórica “atira pedra na Geni”, coloca um parâmetro para pensar como ainda é preciso realizar avanços em prol da democracia e dos direitos LGBTI+, depois de 30 anos do emblemático livro *Problemas de Gênero*. A autora se reporta aos tempos de retrocesso de nosso vivido no presente, em relação à esperança construída até uns 10 anos atrás. Fatos, como as “violências de gênero e sexualidade – como feminicídio, assédio, estupro, LGBTQI+fobias –, que poderiam ser coisas do passado”, estão infelizmente muito presentes. Bessa apresenta este contexto de precariedades, com grande pesar e com clareza a respeito das atuais perdas de direito, o que, a seu ver, produz alguns parâmetros para se pensar a respeito das razões que fazem com que o pensamento de Butler incomode tanto. Ela configura estes parâmetros em três pontos: no próprio campo dos estudos de feministas e das ciências humanas, quando enfrentam as dificuldades com a forma com que se produz o conhecimento e se

efetivam “as identidades e relações de gênero e as sexualidades normais e periféricas”; nos movimentos sociais e como se produzem os sujeitos de representação nas políticas e na formulação jurídica; e se atém ao “incômodo dos conservadores religiosos” e dos políticos que estão no poder nas várias instituições brasileiras. Bessa lembra que estas questões também se vinculam às midiáticas, ao uso do Estado, dos templos, como forma de reprodução de domínios de poder/saber e de conservadorismos sociais e culturais que incidem sobre a família, as escolas, as ruas e a vida das pessoas. Seu artigo também tem o grande mérito de fazer um arrazoado histórico sobre as obras de Butler e de colocar em evidência o impacto dos textos traduzidos para o português por editoras e/ou por grupos de pesquisa. Analisa como a teoria de Butler chegou explodindo campos de conhecimento e criando novas conexões e quanto a mesma ainda está por ser lida e entendida. Desde o início dos anos 1990, com a tradução de *Problemas de Gênero*, se fez muita suspeição de verdades, de autores e de obras canônicas nas ciências humanas em geral, mas com desconstruções que também incidiram fortemente na antropologia estrutural, na psicanálise freudiana e na própria genealogia foucaultiana. Este texto de Bessa faz um importante arrazoado das teorias feministas com as quais o pensamento de Butler está em diálogo e em contraposição, e como ele fornece ferramentas muito úteis ao entendimento do lugar desta teoria e do seu potencial de desnaturalização e reconstrução, por meio de parâmetros mais inclusivos. Com estes textos de Bessa, Sthepan e de Pelúcio, pode-se aprender por onde se articula este pensamento butleriano, como ele viaja pelos campos do conhecimento e como as autoras brasileiras dele se apropriaram. O pensamento de Butler é absolutamente necessário à construção da democracia, tanto no que tange ao conhecimento e ao pensamento, quanto relativo as práticas sociais e políticas, quanto ao campo jurídico e acadêmico, como na visibilização da precariedade e das vidas porque todas as vidas importam. As vidas *queer* importam portanto, as políticas de aliança de pós-identitárias estão neste cenário como imperativo ético e político.